

## O terno de brim cáqui

Naquele dia, sentada à mesa em sua cozinha cujas paredes e piso de madeira encontravam-se precários, ela pegou seu caneco predileto de ágata vermelha, encheu-o com café até a borda e sorvendo-o em pequenos goles alternados com o saborear de uma tapioca amanteigada e uma fatia de fruta-pão besuntada de geleia de cupuaçu, ficou a matutar a vida. De esgueira, via a cabeça da torneira na parte externa da janela e algumas louças já lavadas no jirau sob o batente da janela. Não havia pia na parte interna da cozinha. Precisava terminar a substituição da estrutura de madeira da cozinha por alvenaria, assim como já fizera com a sala, dois quartos e banheiro. Lembrou da sua insistência no término dessa reforma e a falta de apoio de seu único filho nessa empreitada. A casa está para cair, dizia ela. Desde que não caia na minha cabeça, tinha por resposta... Então a vida dela não valia nada para ele? Tanto sacrifício para criá-lo sozinha e fazê-lo chegar à faculdade não poderia ser recompensado com um mínimo de apoio em seu anseio de viver numa casa de alvenaria e de ter o conforto de uma cozinha minimamente planejada? A mágoa que restou disso não era pequena...

Terminado o café, foi arrumar sua mala para a maior viagem da sua vida. Nascida e criada na ilha de Marajó, sem conhecer outras culturas, embarcaria no dia seguinte para São Paulo para assistir ao casamento de seu ingrato filho com uma moça paulista. Uma paulista? Ele ainda estava no segundo ano da faculdade e ia assumir a responsabilidade de construir uma família? Ele poderia ter desistido do sonho de estudar na melhor faculdade do país, estudar em Belém e se casar com uma parauara, pensava ela. Sua preocupação numa possível disruptiva ancestral era compreensível. Alguém de nominativo gentílico *“para’wara”*, *“aquele que veio das águas”*, não combinaria com alguém de nominativo gentílico *“piratiningana”*. Para ela, um mar de água das partes baixas e dos mondongos dissonava do planalto mal drenado... Ela tinha notícias que o futuro sogro de seu filho nutria preconceito em

relação aos chamados “*nordestinos*”, rótulo ignorantemente colocado num balaio geográfico onde habitantes de regiões díspares, uma com fartura de água e outra assolada pela sua escassez, eram avaliados pelos conterrâneos de sua futura nora como culturalmente iguais. Essa preocupação foi exacerbada pela visita de um estranho senhor que, estando ela ausente, levantou informações sobre a idoneidade de seu filho junto aos vizinhos sem se dar ao trabalho de retornar e obter informações de quem era devido. Soube depois que esse levantamento teve por mandante o pai de sua futura nora e intuía que era mútuo o preconceito cultural entre as duas famílias, que teriam laços geracionais em comum... Será que esta união daria certo?

Passou a dobrar mecanicamente suas roupas e, diante do horizonte desconhecido que se aproximava, sentiu uma pitada de medo pelo que a aguardaria em terras estranhas e pelo convívio compulsório com pessoas aparentemente hostis. Esse medo a transportou para um passado distante onde, no sétimo mês de uma gestação primípera aos quarenta e um anos, descia e subia as escadas do hospital militar em que seu marido estava internado em estado grave e vivenciava a sensação de que a criança gestada sairia perna abaixo antes da hora...Ela sabia ter enfrentado essa dolorida fase de sua vida como uma amorosa guerreira cujo marido não aceitava outra companhia além da sua. E sabia também da guerreira maior em que se transformou ao ficar viúva dois meses antes do nascimento do primogênito tão esperado por eles. Viver tempo suficiente para criar seu único filho foi o desejo gravado em seu coração no momento do parto. Passados vinte e cinco anos, ir ao casamento dele deveria ser motivo de celebração da vida e não de medo, pensou. E deu um Xô nele!

Como uma parauara raiz que honra as suas origens, colocou em uma outra mala um pequeno arsenal de mimos: uma lata de “*biscoutos*” e uma lata muito semelhante à marmelada e goiabada Cica contendo doce de buriti, produtos campeões de venda da fábrica Palmeira, dois potes de geleia de cupuaçu e vinte bombons de

castanha-do-pará e de cupuaçu. Completou com dez unidades de sapoti, dois biribás, cinco unidades de abricó, quatro bacuris, dez jambos, um pacote de polpa de açaí congelado, dois quilos de camarão seco e um quilo de farinha suruí, aquela utilizada no casquinho de caranguejo. Imaginava que os familiares paulistas de sua futura nora poderiam conhecer fragmentos de sua terra a partir dessas delícias. Imaginava também que este fragmento de terra imerso no imenso mar de águas e de floresta deveria ser pouco conhecido pela maioria dos paulistas, que se consideravam a “locomotiva” do país. Afinal, as notícias mais veiculadas desde o início do século passado versavam sobre a exploração da seringa e do sarrupio de suas sementes por ingleses que, substituindo o modo extrativista do látex, implantaram o plantio racional na Malásia levando à bancarrota o desenvolvimento econômico da região. Nessas notícias de fracasso econômico faltava informar que, no auge do ciclo da borracha, a extração do látex muito contribuiu para a balança de exportação do país e permitiu drenar recursos financeiros para o desenvolvimento industrial da região sudeste do país. Essa dívida histórica foi ignorada e não incorporada ao imaginário do coletivo nacional e, segundo a ótica do capital, preconceituosamente os povos amazônicos eram considerados indolentes e improdutivos. Quitutes produzidos localmente e diversidade de frutas exóticas poderiam lançar sementes de conhecimento que, se germinadas, poderiam banir alguns preconceitos gestados no pântano da ignorância, pensava ela.

Embarcou no dia seguinte às 4:30 da manhã levando na bagagem amostras do que considerava serem tesouros testemunhos da pujança da natureza pródiga e diversificada do seu rincão. Sentia-se uma verdadeira “embaixatriz anciã” em missão diplomática. Num voo direto sem escala, ao final de quase quatro horas vislumbrou uma selva de pedra que se perdia no horizonte, pontilhada de pequenos fragmentos verdes e sem muitos espelhos d’água. Extasiada, nunca imaginou que São Paulo poderia abrigar o equivalente a dez cidades do tamanho de Belém dentro dela.

Uma recepção amorosa e cordial deixou seu coração mais tranquilo. Até o dia da cerimônia do casamento ficou hospedada na casa dos pais de sua futura nora, quando pôde melhor conhecê-los. Ao apresentar os produtos da terrinha, inicialmente pegou uma das frutas e perguntou se sabiam seu nome. “*Sapotí*”. Pensando que apresentaria algo desconhecido, a decepção transpareceu em seu rosto. Mas foi imediatamente substituída pela alegria de sua futura nora que teve a possibilidade de saborear uma fruta que remetia à memória afetiva de sua infância, vivenciada numa pequena cidadezinha do interior, com clima muito quente e propício ao desenvolvimento de frutíferas da Amazônia. “*Adoro essa fruta, ela parece um caqui marrom e areento!*” E, ao saborear pela primeira vez o abricó, ficou maravilhada com a química da natureza que, segundo ela, mesclou sabor de manga com sabor de abacaxi e criou um sabor dos deuses, que competia somente com o sabor ácido e delicioso do cupuaçu. E o bacuri? Iguamente delicioso, perfumado e bem exótico. “*Sabia que foi a fruta predileta da Rainha Elizabeth II em sua passagem por Belém?*” Unidas pelos paladares, iniciou-se uma convivência amorosa e fraterna entre as duas, apesar da grande diferença de idade entre elas. A avó de sua futura nora era um ano mais nova do que ela e a futura sogra de seu filho tinha idade para ser sua filha, o que a fazia sentir-se uma sogra-avó. Seus netos poderiam ser seus bisnetos, caso não tivesse sido mãe tão tardiamente. Será que quase cinquenta anos de diferença, com um hiato geracional entre elas implicaria em um choque geracional muito grande? Essas questões gravitavam em seu radar.

Uma semana após a cerimônia de casamento, apesar do amoroso acolhimento na casa dos sogros de seu filho, ela se hospedou na casa dos recém-casados. Eles tinham uma pesada rotina de estudantes com aulas em período integral, ele no segundo ano de faculdade e ela no terceiro, e ainda lecionavam no período noturno. Ela passou a observar a correria da nora em providenciar o almoço, lidar com a organização do apartamento muito simples, os cuidados que tinha com o seu filho, a

responsabilidade em estudar e preparar aulas nos finais de semana e começou a desenvolver um sincero afeto por ela. Avaliava que seu filho amava alguém que estava disposta a construir cooperativamente um futuro comum, com um protagonismo muito diferente ao que ela teve no seu casamento. Ao ficar viúva deu-se conta que não sabia nem assinar um cheque e teve que aprender às duras penas como administrar os poucos recursos que recebia como viúva de militar. Seu marido monopolizava e comandava todas as questões financeiras e de costumes às quais ela se submetia de forma muito confortável em prol de uma convivência harmoniosa. *“Este batom? É muito vermelho, não sai assim comigo”*. Ela trocava a cor do batom. *“Troque este vestido, está muito decotado...”* Ela vestia outro. Enfim, como até então tinha por modelo uma companheira que fosse um espelho do que ela havia sido, nutria uma certa admiração pela forma contemporânea do papel de sua nora na construção de uma família. Apesar da idade, ela tinha por característica a flexibilidade em absorver novos e bons valores, o que a fazia respeitada por todos como uma mulher sábia.

Reciprocamente, a nora passou a nutrir uma profunda empatia por ela, compreendendo os quase cinquenta anos que as separavam e vendo nela uma cúmplice no projeto de fazer feliz o homem amado pelas duas.

E, diante de alguns conselhos nada ortodoxos que recebia dela, foi desconstruindo o rótulo de *“filhinho da mamãe”* usualmente dado aos homens unigênitos: *“Minha filha, trabalhe até ele se formar e deixe que ele assuma sozinho a família; Arranje uma empregada para ajudá-la a cuidar de seus filhos e não se mate fazendo serviços domésticos; Quando ele chegar do trabalho esteja sempre bem arrumada, fresca e cheirosa para ele; Gaste tudo o que ele ganhar para que não reste dinheiro algum para gastar com outras mulheres...”*

Tudo ia bem entre as duas até que, numa manhã de sábado, vestindo uma calça verde de veludo cotelê feita pela mãe, sua nora estava de saída para uma aula prática de geomorfologia. Naquele momento, sem a presença do filho em casa, o instinto de sogra conservadora e mãe zelosa foi desperto ... *“Mas você não vai sair vestida assim, vai?”*

Espantada, sua nora não entendeu o teor da pergunta impositiva que continha em si a resposta. Afinal, por considerar uma vestimenta prática, de forma pioneira ela havia introduzido o uso feminino de calça comprida na faculdade e nunca foi cerceada nesse direito. *“Vou”*. Foi para a aula, mas ficou ruminando aquele episódio durante toda manhã. Ao voltar da incursão de campo, entre as duas havia uma tensão no ar. Sua nora não conseguia absorver de forma tranquila qualquer tipo de interferência na sua forma de vestir e, de forma corajosa e transparente, resumiu seu sentimento ao marido... *“Não saí do jugo da minha mãe para cair no jugo da sua...”*. Ele ficou entre dois fogos cruzados e tinha por missão equacionar este conflito sem magoar nenhuma das partes, se é que seria possível. Foi. Este primeiro e único incidente relacional entre as duas resultou um pacto alicerçado na transparência e desenhou limites para uma convivência harmoniosa e amorosa entre os três. Assim, a vida continuou tocando sua toada muito bem... Sua nora a amava como uma mãe e ela tinha orgulho em dizer a todos que, ao invés de *“perder”* um filho, ela havia ganhado uma filha.

Depois de uns tempos, já por ocasião de seu retorno a Belém, aconteceu algo singular. Ela encomendou à mãe de sua nora a confecção de um terno de brim cáqui. E, testemunhando sua resiliência, permeabilidade e aderência ao fluxo da vida, no dia do embarque transitou elegante e altiva pelas dependências do aeroporto de Congonhas sentindo-se embaixatriz-anciã de um simbólico empoderamento feminino: usava calça comprida. Lançaria a moda em sua terrinha. E concluiria a reforma de sua cozinha.